



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS
CURSO DE GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS ECONÔMICAS**

MARINEIDE ALVES DA SILVA

**UM ESTUDO DO DINAMISMO DAS EXPORTAÇÕES DA INDÚSTRIA TÊXTIL
DO CEARÁ, PERNAMBUCO E BAHIA: 1993/1998**

SALVADOR

1999

MARINEIDE ALVES DA SILVA

**UM ESTUDO DO DINAMISMO DAS EXPORTAÇÕES DA INDÚSTRIA TÊXTIL
DO CEARÁ, PERNAMBUCO E BAHIA: 1993/1998**

Trabalho de conclusão de curso apresentado
no curso de Graduação de Ciências
Econômicas da Universidade Federal
da Bahia como requisito parcial à obtenção
do grau de Bacharel em Ciências
Econômicas

Orientador: Prof. Dr. Lívio Andrade
Wanderley

Salvador

1999

RESUMO

O objetivo deste trabalho foi o de estudar o perfil das exportações de produtos têxteis de três estados nordestinos – Bahia, Pernambuco e Bahia, através do modelo *Shift and Share*. Para tanto, o setor têxtil foi dividido em subsetores denominados: básicos, semi manufaturados e manufaturados. Traçou-se um perfil, desde sua origem, tentando situá-la no contexto nacional, destacando a sua importância como geradora de emprego, e seus esforços para competir a nível internacional. Através do modelo, verificou-se o dinamismo dos subsetores e como estão distribuídas em termos regionais, representadas por suas participações a nível de estado, e a nível global configurada na amplitude espacial, constituída pelos três estados analisados.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Tabela 1 - Indústria têxtil do Nordeste em relação a do País.....	9
Tabela 2 – Fábricas têxteis pesquisadas, nº de operários e algodão consumido 1959.....	10
Tabela 3 – Indicadores da indústria têxtil brasileira, 1970/1985	11
Tabela 4 – Participação relativa da indústria têxtil do Nordeste na do Brasil.....	12
Diagrama 1- Cadeia produtiva têxtil simplificada.....	14
Tabela 5 – Brasil: participação relativa dos investimentos nos estágio de fiação e confecção.....	18
Tabela 6 – Brasil importação de máquinas e equipamentos têxteis.....	19
Tabela 7 – Principais inovações tecnológicas no processo produtivo.....	20
Tabela 8 – Emprego na indústria têxtil, 1988/1992.....	21
Tabela 9 – Número de estabelecimentos têxteis 1988/1992.....	22
Figura 1 – Matriz de informação das exportações da indústria têxtil e Estados do Nordeste.....	25
Quadro 1- Sinais das componentes do modelo <i>Shift end Share</i> na versão de Dunn.....	28
Tabela 10 – Ceará: impactos das componentes do modelo <i>Shift-Share</i> nas exportações da. indústria têxtil.....	30
Tabela 11 – Ceará: participação relativa média das exportações do estado.....	31
Tabela 12 – Ceará: participação relativa média das exportações em relação amplitude espacial.....	32
Tabela 13 – Pernambuco: impactos das componentes do modelo <i>Shift-Share</i> nas exportações da indústria têxtil.....	33
Tabela 14 – Pernambuco: participação relativa média das exportações do estado.....	34
Tabela 15 – Pernambuco: participação relativa média das exportações em relação a amplitude espacial.....	35
Tabela 16 – Bahia: impactos das componentes do modelo <i>Shift-Share</i> nas exportações da indústria têxtil.....	36
Tabela 17 – Bahia: participação relativa média das exportações do estado.....	37
Tabela 18 – Bahia: participação relativa média das exportações em relação a amplitude espacial.....	38

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	6
2	A INDÚSTRIA TÊXTIL NO NORDESTE	8
2.1	ORIGEM E EVOLUÇÃO.....	8
2.2	CARACTERIZAÇÃO DA CADEIA PRODUTIVA TÊXTIL.....	14
2.2.1	Fase de Fiação	15
2.2.2	Fase de Tecelagem e Malharia	16
2.2.3	Acabamento e confecção	17
2.3	CARACTERÍSTICAS DA INDÚSTRIA TÊXTIL.....	18
2.3.1	Investimentos	18
2.3.2	Emprego	21
2.4	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	22
3	MODELO <i>SHIFT AND SHARE ANALYSIS</i>	23
3.1	ORIGEM E EVOLUÇÃO DO MODELO.....	23
3.2	ESPECIFICAÇÃO DO MODELO.....	24
3.3	ORIGEM E PROCEDIMENTOS DOS DADOS.....	28
4	ANÁLISE DOS RESULTADOS	29
4.1	CEARÁ.....	29
4.2	PERNAMBUCO.....	32
4.3	BAHIA.....	35
4.4	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	38
5	CONCLUSÃO	39

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	43
ANEXO.....	47

1 INTRODUÇÃO

A abertura econômica implantada no país em 1990 provocou transformações em muitos segmentos da economia, fazendo com que a indústria nacional se defrontasse com o seu mais novo competidor, o produto importado. Um dos setores que mais sentiram esse impacto foi o têxtil, sobretudo pela defasagem tecnológica de seu parque industrial, fato primordial na busca por maior competitividade.

Nessa busca, a saída encontrada por muitas empresas situadas no Centro-Sul e sul do país, foi migrar para região Nordeste. Incentivadas principalmente pelas políticas governamentais de incentivos e isenções fiscais. Outro fator que contribuiu para essa mudança foi a diferença salarial entre essas duas regiões, apesar da falta de preparo dessa mão-de-obra.

A proposta desse trabalho é estudar a dinâmica desse setor, no que se refere as exportações, no período subsequente a abertura econômica, de 1993 à 1998, nos Estados de Pernambuco, Ceará e Bahia. Para tanto, a primeira parte do trabalho constituiu de um perfil histórico dessa indústria no Nordeste, da sua origem e como se desenvolveu no decorrer desses anos. Além disto, foram descritas as principais etapas do seu processo produtivo, as principais inovações do setor, o número de emprego gerado e os investimentos feitos nos últimos anos.

O estudo dessa dinâmica será feito na segunda parte, através do modelo de análise *Shift and Share*, que é utilizado como instrumento de análise regional, buscando captar o dinamismo das exportações têxteis dos estados do Ceará, Pernambuco e Bahia, com base em suas componentes: global, estrutural e regional. Para tanto, este segmento da indústria foi dividido em três subsetores, a saber: de produtos básicos, semi manufaturados e manufaturados.

A terceira parte, refere-se a análise dos resultados das componentes, onde foi feito o estudo separadamente de cada estado, identificando-se os desempenhos dinâmicos (não dinâmicos) de cada subsetor. Foram analisadas também as participações relativas por

estado, por subsetores e por amplitude espacial, bem como foram feitas comparações entre os resultados obtidos.

A quarta parte, refere-se à conclusão do trabalho, onde foram levantadas as questões básicas para que a indústria têxtil nordestina consiga consolidar sua participação no panorama Nacional. Problemas como: treinamento de mão-de-obra, investimento em tecnologia, a busca da qualidade dos produtos e atendimento das necessidades do mercado, tudo isso com o único objetivo, ganhar mais competitividade no mercado internacional.

2 A INDÚSTRIA TÊXTIL NO NORDESTE

Para efeito de estudo da indústria têxtil nordestina, faz-se necessário apresentar alguns aspectos que envolvam a sua origem e evolução. De certa forma, o processo de implantação e desenvolvimento segue o mesmo perfil verificado na indústria têxtil brasileira diferenciando-se apenas a partir de 1950.

2.1 ORIGEM E EVOLUÇÃO

A indústria têxtil foi implantada no Nordeste no final do século XIX, beneficiada pela estrutura agrária da época. Foi decisiva também para seu surgimento a grande oferta de matéria-prima de boa qualidade assim como a abundante oferta de mão-de-obra regional, que era contratada a baixos salários. Todos esses fatores reunidos favoreceram para que a indústria têxtil regional tivesse um desenvolvimento comparado ao da indústria do Centro - Sul do país.

O setor têxtil era formado na época por 12 indústrias o que representava 30% do total de estabelecimentos existentes no país. A indústria têxtil continuou a crescer no Nordeste no início do século XX, apesar desse crescimento já não acompanhar o do Sul.

Após a segunda guerra mundial, com o crescimento da procura interna, o governo passou a desencorajar as exportações, já que a ampliação da capacidade instalada e o reequipamento da indústria nacional, era insuficiente para suprir a demanda interna. A partir de 1950, a indústria têxtil, particularmente a nordestina, reduziu sua capacidade de competição passando a operar com custos crescentes e menores índices de produtividade. Como agravante, a atualização tecnológica era dificultada pela lei dos similares, que proibia as importações (BNB,SEPLAN/SUDENE, 1976, p.42).

Até então a indústria têxtil nordestina, tinha como aliada a falta de integração inter-regional a nível de país, o que criava uma barreira natural de proteção, porém essas vantagens

locacionais foram sendo anuladas diante da aceleração do crescimento industrial e da adoção do modelo de substituição de importações.

A abertura de rodovias e o reaproveitamento dos transportes marítimos, com o conseqüente acirramento da concorrência entre as várias regiões, beneficiou as empresas têxteis da região Centro - Sul, que possuíam uma estrutura de produção mais diversificada, com um mercado mais dinâmico e de maior rentabilidade. Como conseqüência as vantagens locacionais da indústria têxtil nordestina foram minimizadas, provocando o fechamento de algumas fábricas e conseqüentemente perda de posição em relação ao país. Isto pode ser observado na tabela a seguir:

TABELA 1: INDÚSTRIA TÊXTIL DO NORDESTE EM RELAÇÃO A DO PAÍS

<i>Discriminação</i>	<i>1936 (%)</i>	<i>1949 (%)</i>	<i>1959 (%)</i>	<i>1966 (%)</i>
Pessoal ocupado	26.6	23.9	17.9	15.3
Salário	16.4	14.9	11.2	9.1
VBP*	17.4	17.2	16.3	12.5
VAB*	17.7	16.4	13.9	10.8

FONTE.: Pesquisa sobre a Indústria Têxtil. Recife 1971

*VBP - Valor Bruto da Produção.

*VAB - Valor Agregado Bruto.

Em 1959, o Conselho de Desenvolvimento do Nordeste (CODENE), iniciou um estudo cuja finalidade era conhecer a real situação e estabelecer diretrizes de políticas econômicas para a indústria têxtil nordestina, com o objetivo de evitar o colapso total do mais importante subsetor da indústria do Nordeste. A meta do programa era a revitalização do parque têxtil nordestino e fizeram parte do estudo todas as fábricas de fiação e tecelagem de algodão em funcionamento em 1959. A pesquisa foi executada pela SUDENE, que sucedeu a CODENE, e pelo Banco do Nordeste do Brasil S/A (BNB), abrangendo seis unidades na área de atuação da SUDENE, distribuídas conforme a tabela 2 a seguir (SUDENE, 1971, p.25):

TABELA – 2: FÁBRICAS TÊXTEIS PESQUISADAS, Nº DE OPERÁRIOS E ALGODÃO CONSUMIDO 1959

<i>ESTADO</i>	<i>Nº DE FÁBRICAS</i>	<i>Nº DE OPERÁRIOS</i>	<i>CONSUMO DE ALGODÃO</i>
MARANHÃO	5	1.410	3.574
PIAUI	-	-	-
CEARÁ	8	2.866	7.463
RG. DO NORTE	2	141	621
PARAÍBA	6	4.108	5.605
PERNAMBUCO	14	11.792	20.695
ALAGÓAS	8	4.900	6.553
SERGIPE	12	4.451	7.498
BAHIA	6	2.091	4.261
NORDESTE	61	31.759	56.270

FONTE: Pesquisa sobre a Indústria Têxtil. Recife. 1971.

Através da pesquisa foram identificados os principais determinantes do atraso relativo da indústria têxtil do Nordeste em relação ao Centro – Sul, os quais se enquadram nos seguintes aspectos:

- Existência de rigidez na estrutura de produção, além do fato desse segmento participar da faixa de mercado menos dinâmico e rentável;
- A maior parte dos equipamentos estarem obsoletos, operando a mais de 30 anos;
- Perda de vantagens relativas ao custo da mão-de-obra e falta de treinamento adequado;
- Falta de controle sobre os custos de produção, uso de matéria inadequada, ausência de uma direção técnica capaz de resolver problemas ligados a produção, qualidade e utilização excessiva de mão-de-obra no processo produtivo;
- Falta de financiamento e capital de giro.

Feito o diagnóstico, a SUDENE promoveu uma política para a indústria têxtil que incluía um programa de treinamento, de administração e da formação de operários especializados, através da realização de seminários e cursos, com o objetivo de aumentar a produtividade, diminuir custos e um programa de reequipamento.

O programa de reequipamento tinha como objetivo fazer o Nordeste retornar o seu lugar de destaque no cenário nacional. Para tanto criou-se facilidades para essas empresas promoverem a modernização de suas unidades industriais através de financiamento de fontes nacionais e internacionais.

A busca pela modernização e diminuição do atraso tecnológico continuou durante a década de 70 no Nordeste. Essa trajetória foi interrompida com a crise dos anos 80. Apesar disto, a indústria têxtil nordestina teve um desempenho superior ao do resto do país, como pode ser observado nas tabelas a seguir:

TABELA – 3: INDICADORES DA INDÚSTRIA TÊXTEL BRASILEIRA

1970/1985

<i>ANOS</i>	<i>Nº DE ESTABELECI- MENTO</i>		<i>PESSOAL OCUPADO</i>		<i>VIT* (EM US\$ MIL)</i>	
	BR	NE	BR	NE	BR	NE
1970	5.309	689	342.839	38.379	1.084.534	110.065
1975	6.148	1.021	333.776	44.695	2.317.107	301.525
1980	7.177	1.343	417.750	62.887	4.892.613	679.875
1985	5.570	1.350	351.360	56.508	4.561.673	693.994

FONTE.: Rosa & Melo, Fortaleza, 1994.

*VIT - Valor Industrial de Transformação

Esses dados podem ser melhor interpretados através da tabela 4, cujo resultados demonstram a tendência de recuperação do setor têxtil regional, verificando-se uma participação relativa nordestina crescente no setor têxtil.

TABELA –4:PARTICIPAÇÃO RELATIVA DA INDÚSTRIA TÊXTIL DO NORDESTE EM RELAÇÃO AO BRASIL

(%)

<i>ANO</i>	<i>Nº DE ESTABELECI- MENTO</i>	<i>PESSOAL OCUPADO</i>	<i>VIT* (EM US\$ MIL)</i>
1970	12,95	11,19	10,10
1975	16,63	13,39	13,01
1980	18,71	15,05	13,89
1985	24,24	16,08	15,14

FONTE.: Rosa & Melo, Fortaleza, 1994

VIT - Valor Industrial de Transformação.

Essa tendência inverte-se a partir de 1986 com o Plano Cruzado, onde o setor têxtil brasileiro cresceu com uma média anual de 13,6% de 1984 à 1986 (Haguenauer apud Rosa & Melo, 1994, p.47). Contudo a indústria têxtil brasileira já operava quase no limite de sua capacidade produtiva, sendo um dos seus desafios a integração competitiva. Comparado aos padrões internacionais, seu parque fabril se encontrava obsoleto e com baixa produtividade. A única saída era a reestruturação industrial/empresarial do setor, em face da entrada de novos competidores, nacionais e estrangeiros.

A partir de 1987, com o fracasso do plano econômico, o reaparecimento da inflação e a conseqüente desvalorização dos salários, o setor têxtil apresentou um resultado negativo de 21% no período de 1987 à 1989 (Haguenauer, apud Rosa & Melo, 1994, p.47). Para agravar a situação, desde 1990, a indústria têxtil vinha enfrentando mais um desafio; o produto importado dos países asiáticos, que em alguns casos chegavam ao mercado brasileiro com preços inferiores a metade dos cobrados pela indústria nacional.

Essa indústria foi a primeira a expor-se à concorrência externa com a abertura econômica a partir de 1990, implicando, assim, na necessidade de dar início a modernização de seus equipamentos, que na maioria tinham mais de vinte anos de uso. O ano de 1991 também não foi bom para o setor, já que a demanda de produtos têxteis teve nova queda, dessa vez impulsionado pelo plano Collor I, que enxugou a liquidez da economia provocando mais retração na demanda.

A forma encontrada pelo setor para enfrentar a diminuição do volume demandado foi o mercado externo. A estratégia era escolher os produtos que tivessem melhor cotação no mercado internacional para tentar, com isso, diminuir os prejuízos, conseguindo assim um crescimento de 10% nas exportações de manufaturados. Um fenômeno observado nesse período foi a abertura de lojas de fábricas, diante da necessidade das empresas de obter capital a vista, devido principalmente a falta de rentabilidade do setor e dos altos juros do mercado. Em 1992, a solução encontrada pela indústria têxtil para enfrentar a crise do setor foi produzir artigos mais populares, na tentativa de conseguir aumentar o volume do capital de giro. Além disso, intensificou-se os esforços para aumentar a produtividade. Os governos estaduais e federais também participaram desse esforço, através de incentivos fiscais e financiamentos para indústrias situadas no Nordeste.

A instalação de indústrias têxteis no Nordeste esbarra na falta de infra-estrutura local, principalmente se tratando dos segmentos de malharia e tinturaria, devido a deficiência no abastecimento de água e energia elétrica. Porém, tem-se notado esforços tanto dos governos locais, como dos empresários na busca de soluções.

Um exemplo desse empenho é o realizado pelo governo do Ceará, onde já existem cinco malharias instaladas e a previsão de novas empresas que contarão com incentivos fiscais do Fundo de Desenvolvimento Industrial, além de terreno, energia elétrica, água tratada, e um centro tecnológico de Formação de Confeccionistas, todas essas vantagens com o objetivo de atrair novos empreendimentos. (Mariano, 1994. p.6).

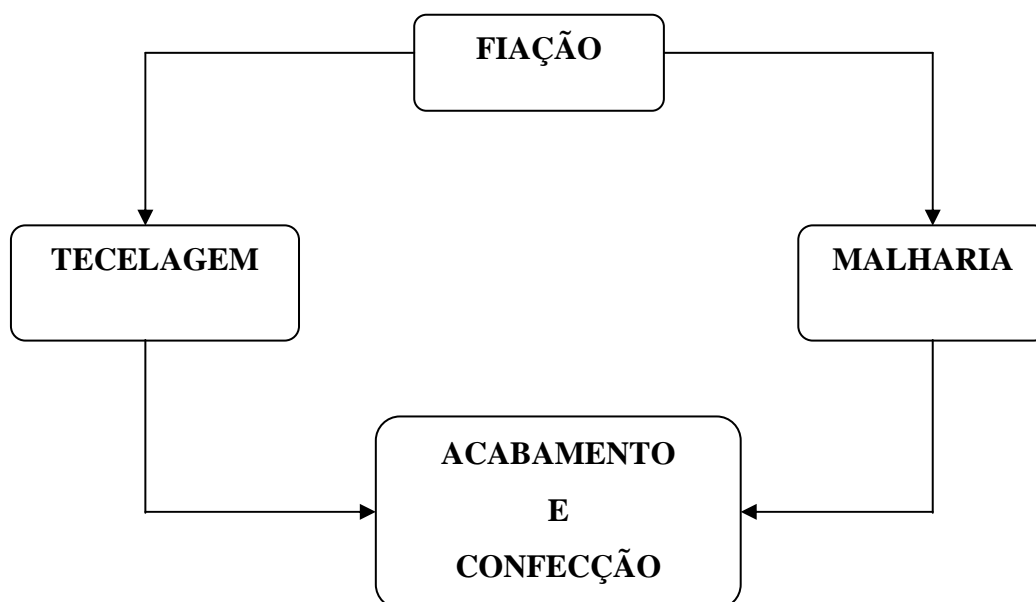
Em 1995, diante do crescimento das importações de tecido, que provocou 45 mil demissões no setor em todo país e a conseqüente solicitações dos empresários, o governo resolveu elevar de 18% para 70%, a alíquota sobre as importações desse produto, independente do país de origem. Além disso, foi modificado o prazo de financiamento para importação, que passou de 120 para no máximo 30 dias. Porém, os empresários do setor alegaram que essas medidas foram insuficientes para tirar o setor da crise, pois afirmaram ser impossível para um empresário nacional competir com fábricas que pagam salários mensais que variam de US\$ 35 à US\$ 50, enquanto que os trabalhadores brasileiros recebem em torno de US\$ 650.

Em 1996 e 1997, o governo recorreu a criação de cotas para barrar o avanço da importações de tecidos asiáticos. Em 1996 as cotas abrangiam os tecidos artificiais e sintéticos produzidos na China, Hong Kong, Coréia do Sul, Formosa e Panamá. Já em 1997, a criação de cotas fez reduzir em 50% a importação de confecções Chinesas, isso só foi possível pelo fato da China não fazer parte da Organização Mundial do Comércio (OMC). Essa restrição pode valer por até 3 anos sendo que a cada ano deverá ter um aumento de 6% do volume de produtos importado.

2.2 CARACTERIZAÇÃO DA CADEIA PRODUTIVA TÊXTIL

O processo produtivo da indústria têxtil é caracterizado pela descontinuidade das operações, onde cada etapa possui características próprias, formando uma cadeia produtiva em que o resultado de uma etapa constitui o principal insumo da etapa seguinte. O diagrama a seguir mostra o formato simplificado da cadeia produtiva têxtil.

DIAGRAMA I: CADEIA PRODUTIVA TÊXTIL SIMPLIFICADA



2.2.1 Fase de Fiação

Em primeiro lugar temos a fiação. Nessa etapa são produzidos fios a partir das fibras naturais, químicas (artificiais ou sintéticas) ou ainda mistas. As fibras naturais sofrem um processo chamado de paralelização que consiste em pentear as fibras numa mesma direção e torce-las para que se prendam e formem fios contínuos com espessuras pré determinadas. Essa etapa do processo pode ser realizada através do método convencional que utiliza filatórios a anel ou os filatórios *open-end* que utilizam rotores e se caracterizam principalmente pela diminuição de etapas na produção dos fios.

A fiação química encarrega-se em primeiro lugar do processo de extrusão onde a matéria-prima passa através de uma fiação dando origem aos fios e em seguida acontece o processo de solidificação desses fios. Já a fiação mista elabora fios com variadas combinações entre fibras naturais e químicas a depender do tipo de produto que se deseja obter, com maior ou menor resistência, condutividade térmica e espessura. Esse segmento trabalha de maneira contínua com equipamentos de grande porte, exigindo, assim, grande volumes de produção e investimento, o que limita o ingresso de pequenas unidades no setor (Oliveira, 1996, p.81).

O mercado de fiação química se constitui num oligopólio concentrado, ou seja, é caracterizado “pela ausência de diferenciação dos produtos, dada a sua natureza essencialmente homogênea, pouco possível de diferenciação” (Possas, 1990, p.171). Seu processo de produção se utiliza das economias de escala e do alto grau de tecnologia incorporada. A estratégia competitiva consiste no planejamento da capacidade ociosa, procurando atender imediatamente às flutuações de demanda e bloquear a entrada de novas empresas.

O setor de fiação de algodão é classificado como um oligopólio competitivo, onde há empresas de pequeno, médio e grande porte. Apesar da existência de grandes empresas dominando o mercado, caracterizando-se assim um oligopólio, existem também pequenas e médias empresas que apesar de terem pouca resistência a eliminação, tem boa representação no mercado, fazendo existir assim certa competição através de preços.

Essa existência de diferentes tamanhos de empresas no mesmo mercado decorre da possibilidade de haver diferentes níveis tecnológicos. As estratégias competitivas consistem em modernizar os equipamentos, com o objetivo de reduzir custos, em montar uma eficiente rede de comercialização e principalmente na concorrência de preços.

2.2.2 Fase de Tecelagem e Malharia

Nessa etapa os fios são transformados em tecidos através de seu entrelaçamento. No caso da produção de malhas é utilizado o tear circular, onde são diretamente colocados os cones vindos da fiação. O tear circular se encarrega de praticamente todo o processo tornando-o mais simplificado. Os tecidos planos por sua vez são produzidos em teares planos, contudo antes de entrarem no tear os fios passam por um processo de preparação da trama e do urdume (Hurst & Sarno, 1994, p.17). Os cones vindos da etapa de fiação podem ir diretamente para a trama do tear ou para as urdideiras a fim de preparar os urdumes, que por sua vez são engomados para que assim adquiram maior resistência à abrasão que decorre do processo de tecelagem.

Esses dois segmentos possuem basicamente as mesmas características, sendo que os equipamentos de malharia apresentam uma comercialização altamente eficiente, que se adequa rapidamente as novas tendências do mercado.

Tanto na tecelagem como na malharia é grande a existência de pequenas empresas que na sua maioria trabalham com equipamentos ultrapassados tecnologicamente devido a baixa capacidade de investimento dos empresários. Isto impossibilita a aquisição de equipamentos mais velozes no caso da tecelagem e produzir tecidos de melhor qualidade com listras, desenhos e relevos no caso da malharia.

2.2.3 Acabamento e Confecção

Na etapa de acabamento é feito o beneficiamento do tecido cru através de quatro fases: primeiro é feita a chamuscagem, ou seja, as fibras salientes do tecido são queimadas. A fase seguinte é a desengomagem cujo objetivo é facilitar a penetração do corante tornado o tingimento uniforme e consiste na remoção da goma aplicada na etapa de tecelagem. Em

seguida ocorre a mercerização onde o tecido recebe um banho de soda cáustica cujo objetivo é fazer com que as fibras de algodão inchem melhorando o aspecto do tecido. E finalmente a quarta fase onde acontece a lavagem, secagem, tingimento e repouso do tecido.

Depois desse processo o tecido está pronto para ser utilizado na última etapa da cadeia têxtil, a confecção, que caracteriza-se pela criação de moda, *design* e elaboração de moldes que posteriormente seguirão para o corte e montagem das peças que em seguida serão costuradas.

No que se refere ao acabamento, existe uma grande diversidade de processos dependendo do tipo de produto que se deseja obter. Contudo, vale destacar que poucas foram as empresas brasileiras que conseguiram absorver as novidades tecnológicas do setor. Já no segmento de confecção o maior desafio é diminuir a importância de mão-de-obra na etapa do processo de costura, que representa 80% do trabalho produtivo.

A impossibilidade da máquina de costura fazer alguns serviços sem o auxílio de mão-de-obra dificulta a automação industrial. Como estratégia de agregar valor esse segmento da indústria busca incorporar ao produto fatores como moda, estilo e marketing, procurando cada vez mais a flexibilização do setor.

2.3 CARACTERÍSTICAS DA INDÚSTRIA TÊXTIL

A partir de 1990, acentuou-se a busca da modernização do parque têxtil brasileiro. As empresas mais avançadas procuram reduzir seus custos, com o objetivo de obter maior poder de competição, utilizando-se para isso um processo de reestruturação administrativa e modernização industrial.

2.3.1 Investimentos

Com a abertura econômica em 1990, a indústria têxtil brasileira foi a primeira a enfrentar a concorrência externa e sofrer os efeitos das reduções de tarifas de importação, sentindo a

necessidade de modernização dos equipamentos para poder enfrentar a invasão dos importados.

Contudo, a falta de lucratividade desestimulou os empresários do setor. Em 1984 os fabricantes investiram em torno de US\$ 300 milhões na aquisição de equipamentos, em 1990 com a abertura econômica e a concorrência dos importados foram investidos US\$ 425 milhões no setor. Em 1991 foram investidos US\$ 285,4 milhões, o que representa uma queda de aproximadamente 33% em relação ao ano anterior (G.M. Balanço Anual, 92). A Tabela 5, mostra o percentual de investimento nos principais segmentos do setor têxtil do Brasil.

TABELA –5: BRASIL: PARTICIPAÇÃO RELATIVA (%) DOS INVESTIMENTOS NOS ESTÁGIOS DE FIAÇÃO E CONFECÇÃO

<i>INVESTIMENTO</i>	<i>1990</i>	<i>1992</i>	<i>1994</i>
Fiação	51,8	36,3	27,0
Confecção	29,2	30,4	33,4
Total	81,0	66,7	60,4

FONTE.: G.M. Balanço Anual, 1990/92/94

Pode-se observar uma queda do investimento no segmento de fiação de 51,8% em 1990 para 27,0% em 1994, ocorrendo o contrário no segmento de confecção, cuja participação no investimento cresceu de 29,2% em 1990 para 33,4 em 1994.

Em 1993 intensificou-se o esforço para a modernização do parque têxtil, os investimentos passaram de US\$ 337 milhões nesse ano para US\$ 738 milhões em 1995. A seguir a Tabela-6 apresenta as importações de máquinas e equipamentos têxteis nesse mesmo período, onde se constata um incremento total de 95,89% entre 1990 e 1995.

**TABELA – 6: BRASIL: IMPORTAÇÕES DE MÁQUINAS
E EQUIPAMENTOS TÊXTEIS**

<i>MÁQUINAS</i>	<i>1990</i>	<i>1991</i>	<i>1992</i>	<i>1993</i>	<i>1994</i>	<i>1995</i>
Máquinas para extrudar, estirar materiais têxteis artificiais	24.869	16.090	27.141	20.567	25.369	27.428
Máquinas para fiação	80.606	55.748	30.080	43.140	80.396	109.227
Teares para tecidos	55.313	30.519	33.911	30.729	79.785	99.623
Teares para fabricar malha	60.111	61.250	34.230	56.005	99.520	152.847
Máquinas e equipamentos auxiliares	78.593	68.343	50.407	63.981	157.374	85.926
Máquinas para a fabricação de feltros	5.236	4.684	2.734	4.224	11.546	24.371
Máquinas para lavar roupas	234	278	893	1.182	4.285	11.314
Máquinas para lavar, limpar, espremer, passar, tingir, etc.	13.256	22.242	24.282	36.560	50.832	77.453
Máquinas de costura	49.822	83.299	42.913	80.955	101.914	150.453
Total	377.040	342.455	250.591	337.353	611.021	738.606

FONTE.: Oliveira & Medeiros, 1996, 90.

Entre 1990/1991 pode-se observar taxas negativas na importação de máquinas e equipamentos no setor têxtil, o mesmo se verificando entre 1991/1992 respectivamente, - 9,17% e - 26,82% o que comprova as dificuldades do setor nesse período. Já a partir 1993 a indústria começa a reagir alçando o incremento de 34,62% das importações em relação a 1992. Em 1994 esse índice foi ainda mais animador e registrou um crescimento de 81,12% em relação a 1993, sendo que o incremento anual médio ficou em torno de 16,77%.

Com base no esquema extraído do trabalho de Hurst & Sarno (1994 , p.38), verifica-se as principais inovações tecnológicas no processo produtivo na indústria têxtil.

TABELA – 7: PRÍNCIPAIS INOVAÇÕES TECNOLÓGICAS NO

PROCESSO PRODUTIVO

ETAPA DO PROCESSO EQUIPAMENTOS	PRINCIPAIS INOVAÇÕES
FIAÇÃO	
Filatório a anel	<ul style="list-style-type: none"> • Acionamento individual do fio • Mudanças tecnológicas para redução do consumo de energia
Filatório <i>Open-end</i>	<ul style="list-style-type: none"> • Desenvolvimento de turbina para produzir fios mais finos • Incorporação de controle eletrônico
TECELAGEM	
Teares	<ul style="list-style-type: none"> • Incorporação de controles eletrônicos • Substituição de lançadeiras por pinças, projéteis ou jato de ar/água
ACABAMENTO	
Tingimento	<ul style="list-style-type: none"> • Aperfeiçoamento do processo para obter corantes de melhor qualidade • Substituição de água como veículo de distribuição de corantes
Etapas que usam água	<ul style="list-style-type: none"> • Redução das etapas que usam água • incorporação de controle eletrônico.

FONTE: Hurst & Sarno, Salvador, 1994; 38

2.3.2 Emprego

Segundo o Anuário Rais, em 1992 existiam 446 estabelecimento têxteis no Nordeste com diversos perfis, entre modernizados e desatualizados, existindo na informalidade ou em nicho de mercados. O setor têxtil é um grande absorvedor de mão-de-obra, sendo responsável em 1992, por 46.746 empregos, conforme pode ser observado na Tabela 8.

TABELA – 8: EMPREGO NA INDÚSTRIA TÊXTIL NO NORDESTE

1988/1992

<i>ESTADO</i>	<i>1988</i>	<i>%</i>	<i>1990</i>	<i>%</i>	<i>1992</i>	<i>%</i>
Bahia	4.507	7,70	4.038	7,66	3.589	7,68
Pernambuco	12.891	22,03	14.083	26,72	9.807	20,98
Ceará	14.225	24,36	14.482	27,48	14.171	31,48
Nordeste	58.523	100,00	52.700	100,00	46.746	100,00

FONTE.: Anuário Rais

Porém, estes valores podem não representar a realidade, pois é grande o número de empresas que operam na informalidade, nesse ramo da indústria. Um exemplo dessa informalidade é o segmento de confecção que se estima contar com 600 empresas localizadas na Bahia sendo que só metade legalizada (Mello. 1997).

Pode-se observar tanto na Bahia como em Pernambuco a queda no número de postos de trabalho. Contudo, o mesmo não pode ser dito em relação ao Ceará, que mostra contínuo crescimento no nível de emprego, se destacando tanto no panorama regional, como nacional em um importante polo têxtil.

Esse bom desempenho do Ceará se deve basicamente ao baixo custo salarial, que representa uma importante vantagem comparativa quanto a localização dos novos investimentos. De maneira geral o desaparecimento dos postos de trabalho é causado pela crise provocada pela abertura do mercado e pelos esforços dos empresários na aquisição de equipamentos mais modernos e produtivos.

O Ceará conseguiu aumentar o número de postos de serviço do setor no período de 1988 a 1992, porém o mesmo não aconteceu com Pernambuco que em 1988 tinha 22,03% do total de emprego do setor têxtil da região Nordeste e em 1992 contava apenas com 20,98%. A Bahia por sua vez não apresentou variação significativa no número de mão-de-obra empregada.

Apesar do Ceará não apresentar decréscimos no número de emprego do setor têxtil ele não fugiu a regra dos demais Estados e também registrou diminuição no número de estabelecimentos durante esse período como pode ser observado na Tabela 9 a seguir:

TABELA – 9: NÚMERO DE ESTABELECIMENTOS TÊXTEIS NO NORDESTE**1988/1992**

<i>ESTADO</i>	<i>1988</i>	<i>1990</i>	<i>1992</i>
Bahia	82	83	75
Pernambuco	80	89	83
Ceará	159	135	126
Nordeste	464	485	446

FONTE: Anuário Rais

2.4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Verifica-se, neste capítulo, uma breve apresentação da indústria têxtil do Nordeste onde foi descrito a sua origem e evolução, a caracterização de seu processo técnico de produção – cadeia produtiva – e, alguns aspectos que demonstram indicativos sobre a performance desta indústria, a exemplo, das variáveis investimento e emprego.

A natureza analítica pautou-se por comparações da indústria têxtil do Nordeste em relação a do Brasil, a correspondente evolução ao longo de alguns anos, e de alguns comentários sobre o desempenho e importância desta indústria no Nordeste, representada pela especialidade econômica têxtil dos Estados do Ceará, Pernambuco e Bahia.

Pelo fato deste trabalho tratar-se de uma monografia de cunho acadêmico, inicia-se a partir do próximo capítulo a apresentação do modelo de análise adotado para apreender as diferenciações quanto ao desempenho das exportações desta indústria nos Estados do Nordeste citados.

3 MODELO *SHIFT AND SHARE ANALYSIS*

O estudo das exportações da indústria têxtil é feita através da aplicação do modelo *Shift-Share*, o qual utilizando-se de uma dada variável base apreende o seu dinamismo quanto ao desempenho, através de três componentes: global, estrutural e regional.

O objeto de estudo envolve uma análise dos perfis e evolução das exportações do Nordeste, representados pelos Estados do Ceará, Pernambuco e Bahia. Desta forma, podemos captar as diferenciações existentes em um dado espaço econômico têxtil no que tange as exportações para o resto do mundo. Ressalta-se que se adotou, nesta monografia, o conceito de espaço econômico de Perroux em seu sentido de não contigüidade e da existência da homogeneidade da atividade econômica que, neste caso, trata-se da indústria têxtil no âmbito da amplitude espacial constituída pelos Estados citados.

Neste contexto, segue a apresentação de algumas considerações e comentários sobre este modelo, caracterizando, assim, a natureza metodológica desta monografia.

3.1 ORIGEM E EVOLUÇÃO DO MODELO

O modelo *Shift and Share* pertence a uma família de instrumentos de investigação empírica na área de economia regional, a exemplo de indicadores de localização (quociente locacional, coeficiente de localização, coeficiente de associação geográfica, coeficiente de redistribuição e curvas de localização) e de especialização (coeficiente de especialização e de reestruturação), modelo da base econômica de exportação inter-regional, método das componentes principais, entre outros. Desta forma, trata-se de uma das alternativas de estudo em uma perspectiva de análise regional e de um dado procedimento técnico.

O modelo *Shift and Share* tem como origem as preocupações de Cramer, em relação ao crescimento industrial no Reino Unido. Contudo, a sua formalização só aconteceu em 1959 quando Dunn sistematizou as idéias de Cramer através da formalização de um modelo de três componentes – crescimento global, estrutural e de crescimento regional – que representam o comportamento da variável base no âmbito da região e da atividade produtiva.

A partir disto, iniciou-se um processo de disseminação e utilização deste modelo visando apreender aspectos de crescimento regional, segundo determinada variável base. Entre os trabalhos estão, segundo Wanderley, os papers de Ashby em 1964 e de 1966, que tratam da questão do emprego na indústria americana nas décadas de 1940 e 1950; o trabalho de Thirlwall em 1967, que trata da política de distribuição industrial no Reino Unido

abrangendo o período de 1948 a 1963; o de Klaassen e Pealinek em 1972, que aborda a questão das assimetrias nas taxas de crescimento agregado entre duas regiões; o estudo de Sakashita em 1973, que buscava uma teoria econômica que servisse de suporte para o modelo *Shift-Share*, desenvolvendo, assim, um modelo de crescimento multiregional cuja base teórica utilizada era uma função de produção Cobb-Douglas; o trabalho de James e Hughes de 1973, que adapta o modelo *Shift-Share* para estimativas de projeções; vários artigos de Brawn de 1969, 1971 e 1973, e de Paraskevopoulos de 1971 e Floyd em 1973, que utilizaram o método para fazer projeções; Berzeg em 1978, propondo testar hipóteses através do método *Shift-Share*; alguns trabalhos mais recentes foram desenvolvidos por Theil e Gosh em 1980, Rolin et alii em 1989 e Ferreira em 1991. (Wanderley, 1994, p.115)

Verifica-se, portanto, que com essa breve revisão da literatura este modelo fica referendado como uma opção de escolha para uso de um trabalho monográfico que tenha uma base acadêmica.

3.2 ESPECIFICAÇÃO DO MODELO

A formulação do modelo *Shift and Share Analysis* a ser adotada está publicada em dois artigos de Dunn (1959 e 1960). O objetivo do modelo é analisar os pesos relativos de diferentes aspectos que contribuem para o crescimento de um setor específico em uma região específica no âmbito de uma dada amplitude espacial. A meta de Dunn era apresentar uma técnica de análise estatística que ajudasse na compreensão do desenvolvimento regional de uma dada economia, de conceituação simples e cujos dados não apresentassem obstáculos. Para tanto, sistematizou as preocupações de Cremer (1942), através de um modelo onde considera como referencia de análise a escolha de uma variável base, que é utilizada a partir de seus valores absolutos para o início e final de um período de tempo, por exemplo, meses, anos, etc.

O modelo *Shift-Share* constitui-se das componentes global, estrutural e regional, as quais definem em conjunto o impacto no incremento da variável base, segundo as atividades setoriais dentro de uma dada amplitude espacial. Desta forma, torna-se possível perceber as diferenças entre o crescimento real e o teórico, ou seja, a diferença entre o crescimento efetivamente notado em dada região e aquele que de fato apresentaria caso evoluísse à mesma taxa da amplitude espacial, respectivamente.

A formulação do modelo tem por base uma dada Matriz de Informações, a qual, nesta monografia, caracteriza-se através da indústria têxtil, que foi dividida em subsetores de bens básicos, semi manufaturados e manufaturados, e através dos estados do Ceará, Pernambuco e Bahia, estes representando as regiões da amplitude espacial. Como o objeto de estudo são as exportações têxteis, a variável base é, portanto, as exportações dos subsetores desta indústria, segundo cada estado. A utilização da matriz de informação nos permite, fazer cruzamentos de dados entre os subsetores têxtil com os estados da Bahia, Pernambuco e Ceará, além de definir a base de dados para o estudo do dinamismo do fluxo de comércio externo desses estados.

FIGURA 1
Matriz de Informações das Exportações da Indústria Têxtil e
Estados do Nordeste

	Regiões : j	Ano: 1 a T
		Σ_j

Subsetores Têxtil : i	X_{ij}	X_{it}

Σ_i	X_{tj}	X_{tt}

Algebricamente o modelo *Shift-Share* pode ser assim representado:

$$X^{\circ ij} \cdot n_{ij} = X^{\circ ij} \cdot n_{tt} + X^{\circ ij} (n_{it} - n_{tt}) + X^{\circ ij} (n_{ij} - n_{it})$$

$$\Delta X_{ij} = CG + CE + CR$$

Onde:

X = Exportações de Indústria Têxtil;

X_{ij} = Exportações do subsetor i na região j ;

X_{it} = Exportações do subsetor i de todas as regiões;

X_{tj} = Exportações de todos os subsetores na região j ;

X_{tt} = Exportações de todos os subsetores de todas as regiões;

ΔX_{ij} = Variação das exportações do subsetor i na região j ;

$CG = X^{\circ ij} \cdot n_{tt}$ = Componente global;

$CE = X^{\circ ij} (n_{it} - n_{tt})$ = Componente estrutural;

$CR = X^{\circ ij} (n_{ij} - n_{it})$ = Componente regional;

n_{ij} = Taxa de crescimento das exportações nos subsetores i na região j ;

n_{tt} = Taxa de crescimento das exportações da Indústria Têxtil na amplitude espacial K ;

n_{tj} = Taxa de crescimento das exportações na região j ;

n_{it} = Taxa de crescimento das exportações dos subsetores i em todas as regiões;

i = subsetores da indústria têxtil ($i = 1, \dots, m$: básicos, semi manufaturados e manufaturados);

j = regiões ($j = 1, \dots, n$: Ceará, Pernambuco e Bahia);

$K = \sum_i \sum_j = tt$ = amplitude espacial : Bahia, Pernambuco e Bahia) e

T = Tempo em anos.

A componente resultante ΔX_{ij} , reflete os impactos das demais componentes do modelo *Shift-Share*, quanto as exportações por subsetores, da indústria têxtil nos estados do Ceará, Pernambuco e Bahia.

Componente Global (CG): é um indicador da influência da taxa de crescimento da amplitude espacial sobre as exportações locais. Resultados positivos (negativos) significam que há dinamismo (não dinamismo) da amplitude espacial gerando estímulos (desestímulos) as exportações da região.

Componente Estrutural (CE): expressa o dinamismo da composição das exportações dos subsetores têxteis no contexto da amplitude espacial. Resultados positivos (negativos) mostra se a região possui subsetores dinâmicas (não dinâmicas) no âmbito da amplitude espacial. Através de sua análise pode-se observar quais os subsetores que crescem mais rapidamente do que outros, bem como sinalizar para as circunstâncias que impulsionam esse comportamento, como, possuir maior competitividade, boas estruturas de mercado, maior produtividade, etc.

Componente Regional (CR): trata-se de um indicador de crescimento residual, pois se caracteriza pelo dinamismo endógeno, desde que a ΔX_{ij} não seja explicada pela Componente Estrutural. Resultado positivo (negativo) dessa componente indica que existem vantagens (desvantagens) do subsetor de uma região em relação as demais regiões. Assim, essa componente busca situar a região na amplitude espacial em termos de cada subsetor isoladamente. (Carvalho: 1979, p.416). Este efeito regional demonstra que algumas regiões adquirem com o tempo vantagens diferenciais em relação a outras regiões na conquista de maior competitividade de suas exportações.

A interpretação das componentes envolve a identificação dos efeitos em ΔX_{ij} através do dinamismo (sinal positivo) ou não dinamismo (sinal negativo), que são detectados com o uso das taxas de crescimento das exportações. O Quadro 1, a seguir, apresenta as alternativas de análise das componentes desse modelo.

QUADRO 1: SINAIS DAS COMPONENTES DO MODELO

SHIFT END SHARE NA VERSÃO DE DUNN

CG	CE	CR	ΔX_{ij}
----	----	----	-----------------

+	+	+	+
-	-	-	-
+ / -	+ / -	+ / -	+ / -

- Alternados (+ / -): os impactos em ΔX_{ij} dependem da grandeza das componentes.

3.3 ORIGEM E PROCEDIMENTOS DOS DADOS

Os dados utilizados como base de análise são as exportações da indústria têxtil, nos estados do Ceará, Pernambuco e Bahia, coletados junto a Promo e subdivididos em produtos básicos, semi manufaturados e manufaturados.

A classificação foi feita através da listagem do Guia Prático de Exportações e seus Incentivos em sua Seção XI – Matérias têxteis e suas obras. Com base nesta classificação foram selecionados os itens da cadeia produtiva têxtil segundo os seguintes subsetores têxteis:

Produtos Básicos: algodão não cardado, nem penteado; fiapos de algodão; lã penteada, em granel; sisal de fibra curta, em bruto; desperdícios de fibras têxteis.

Produtos Semi manufaturados: fio de algodão em geral; sisal trabalhado (preparado) para fiação; estopa de sisal; fio de sisal, cru, alvejado/branqueado.

Produtos Manufaturados: fio de nylon, de alta tenacidade; fio de poliéster, de alta tenacidade; fio de polipropileno, texturizado; fio de nylon, simples; cordéis de polietileno; vestidos de malha, saias de malha de fibra têxtil sintética, calcinhas, abrigos, maios, casacos de fibra têxtil; linha para costura; tecido branqueado; etc.

4 ANÁLISE DOS RESULTADOS

Este capítulo trata de analisar o comportamento das exportações de produtos têxteis dos estados de Pernambuco, Ceará e Bahia, no período de 1993 à 1998, com base nos resultados das componentes do modelo *Shift and Share*. Os dados foram agrupados em três subsetores: produtos básicos, semi manufaturados e manufaturados. Ressalta-se, contudo,

que em determinados anos do estudo não constam produtos classificados como básicos da lista de exportação nos estados citados acima, isso deveu-se ao ataque da praga do bicudo, que destruiu grande parte das plantações de algodão no Nordeste, desta forma tornando inviável sua análise. A seguir, vejamos o desempenho das exportações de cada subsetor, segundo os três estados selecionados.

4.1 CEARÁ

Na tabela 10 podemos observar os sinais das componentes do modelo *Shift and Share* e através deles identificar os subsetores dinâmicos e não dinâmicos nas exportações têxteis do Ceará. No primeiro período, 93/94, os produtos semi manufaturados obtiveram sinal positivo em todas as componentes; no segundo 94/95, a componente resultante, apresentou sinal positivo apesar do resultado negativo da componente estrutural; no terceiro período foi a vez da componente global apresentar sinal negativo, o que não chegou a comprometer o sinal da componente resultante; no quarto período a componente resultante apresentou sinal negativo influenciada pela componente regional; no quinto período a componente resultante obteve resultado positivo apesar do sinal negativo da componente global.

Os produtos manufaturados apresentaram sinais positivos, na componente de impacto total, em todos os períodos com exceção do último. Nos dois primeiros intervalos este resultado deveu-se a componente global, enquanto que no terceiro creditou-se a componente regional e no quarto resultado das componentes global e regional. No último intervalo o impacto total das exportações foi negativo, pois as três componentes apresentaram-se não dinâmicas. Ressalta-se que a componente estrutural foi a que obteve os piores resultados ficando negativa durante todo período análise.

TABELA 10- CEARÁ: IMPACTOS DAS COMPONENTES DO MODELO SHIFT-SHARE NAS EXPORTAÇÕES DA INDÚSTRIA TÊXTIL.

SUBSETORES TÊXTEIS	COMPONENTES															IMPACTO				
	GLOBAL					ESTRUTURAL					REGIONAL					TOTAL				
	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5

Produtos Básicos	# # - # #	# # - # #	# # - # #	# # - # #
Produtos Semi manufaturados	+ + - + -	+ - + + +	+ + + - +	+ + + - +
Produtos Manufaturados	+ + - + -	- - - - -	- - + + -	+ + + + -

FONTE: Anexos 3, 4, 5, 6.

Obs.: 1. Intervalos: 1=1993/1994; 2=1994/1995; 3=1995/1996; 4=1996/1997; 5= 1997/1998.

A tabela 11, a seguir, mostra a participação relativa média da exportação de produtos têxteis do estado nos intervalos analisados, onde podemos constatar que a participação dos produtos básicos é menor que um por cento do total exportado, nos períodos 94/95 e 95/96. Nota-se também a tendência de crescimento da participação dos produtos semi manufaturados nos três primeiros períodos, 93/94, 94/95 e 95/96, com respectivamente 13,53%, 19,65% e 21,44%, porém esta tendência não se mantém nos períodos seguintes, pois a sua participação decresceu ficando em 15,51% em 96/97 e 9,86% em 97/98.

Podemos verificar que no período 93/94, os produtos manufaturados, tinham uma participação de 86,47%, no valor total de produtos têxteis exportados pelo Ceará, em 94/95, essa participação decresceu para 79,48%; no período seguinte, esta tendência continuou e sua participação caiu para 77,70%. Esta queda nas participações de manufaturados, contudo, não afetou a componente de variação total, que continuou positiva durante esse período. Nos períodos seguintes, 96/97 e 97/98, observou-se aumentos das participações, respectivamente 84,49% e 90,14%.

**TABELA 11- CEARÁ : PARTICIPAÇÃO RELATIVA MÉDIA
DAS EXPORTAÇÕES DO ESTADO**

	(%)				
SUBSETORES	93/94	94/95	95/96	96/97	97/98
Produtos Básicos	0,00	0,86	0,86	0,00	0,00
Produtos Semi manufaturados	13,53	19,65	21,44	15,51	9,86

Produtos Manufaturados	86,47	79,48	77,70	84,49	90,14
TOTAL	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00

FONTE: Anexo 1.

Obs.: Os valores correspondem a média aritmética de cada intervalo dos participações relativas de cada ano.

Com relação a participação relativa das exportações no âmbito da amplitude espacial, verifica-se com base na tabela 12 que os produtos básicos não obtiveram participação nas exportações têxteis nos períodos 93/94, 96/97 e 97/98, porém nos períodos 94/95 e 95/96 as participações foram de 34,82%. Os produtos semi manufaturados cresceram de 35,18% em 93/94, para 44,01% em 94/95, chegando a 49,15% em 95/96. Porém esta tendência não se manteve e nos períodos seguintes foi constatada continuas quedas; em 96/97 sua participação foi de 30,51%, caindo em 97/98 para 9,56%. A participação dos produtos manufaturados que durante os períodos 93/94, 94/95 e 95/96 participaram em média 48,44% do total exportado, no períodos seguintes melhorou sua performance exportando 57,42% em 96/97 e 62,14% em 97/98 do total dos três estados.

TABELA 12- CEARÁ: PARTICIPAÇÃO RELATIVA MÉDIA DAS EXPORTAÇÕES EM RELAÇÃO A AMPLITUDE ESPACIAL

(%)

SUBSETORES	93/94	94/95	95/96	96/97	97/98
Produtos Básicos	0,00	34,82	34,82	0,00	0,00
Produtos Semi manufaturados	35,18	44,01	49,15	30,51	9,56
Produtos Manufaturados	48,87	47,51	48,96	57,42	62,14

FONTE: Anexo 1.

Os valores correspondem a média aritmética de cada intervalo das participações relativas de cada ano em relação a amplitude espacial (Ceará, Pernambuco e Bahia)

4.2 PERNAMBUCO

Os resultados das componentes do modelo contido na tabela 13, trás a dinâmica das exportações pernambucanas nos períodos analisados, onde pode-se observar que este estado não conseguiu um bom desempenho na maioria das componentes do modelo. O subsetor de produtos básicos não apresenta um bom desempenho devido a fatores regionais

como, assim, indica a componente regional negativa nos três primeiros períodos, 93/94, 94/95 e 95/96, nos períodos seguintes 96/97 e 97/98 em razão da falta de dados não pode ser feita sua análise.

No subsetor de produtos semi manufaturados no período 93/94, a componente de variação total apresentou sinal negativo devido ao impacto da componente regional; no período seguinte, 94/95, a componente regional e a componente estrutural apresentaram sinais negativos, repercutindo, portanto, na componente de variação total; em 95/96, a componente de variação total apresentou sinal positivo apesar do resultado desfavorável da componente global; em 96/97 apesar dos sinais positivos das componentes global e estrutural, a componente de variação total apresentou resultado negativo, devido a componente regional que registrou não dinamismo, e no período 97/98 a componente de impacto total foi positiva apesar do não dinamismo da componente global

A componente impacto total para produtos manufaturados no primeiro período foi negativa apesar do resultado positivo da componente global; no segundo período apesar das componentes estrutural e regional permanecerem negativa, o impacto total foi positivo influenciado positivamente pela componente global; no terceiro e quinto períodos todas componentes obtiveram sinais negativos; no quarto período apesar do resultado negativo da componente estrutural, o impacto total foi positivo, em face das outras duas componentes que se apresentaram dinâmicas.

**TABELA 13- PERNAMBUCO: IMPACTOS DAS COMPONENTES DO MODELO
SHIFT-SHARE NAS EXPORTAÇÕES DA INDÚSTRIA TÊXTIL.**

SUBSETORES TÊXTEIS	COMPONENTES															IMPACTO TOTAL				
	GLOBAL					ESTRUTURAL					REGIONAL									
	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5

Produtos Básicos	+ + - # #	+ + - # #	- - - # #	- - - # #
Produtos Semi manufaturados	+ + - + -	+ - + + +	- - + - +	- - + - +
Produtos Manufaturados	+ + - + -	- - - - -	- - - + -	- + - + -

FONTE: Anexos 3, 4, 5, 6.

Obs.: Intervalos: 1=1993/1994; 2=1994/1995; 3=1995/1996; 4=1996/1997; 5= 1997/1998.

Pernambuco concentra a maior parte do valor de suas exportações em produtos manufaturados, isto pode ser observado na tabela 14, a seguir. No período 93/94, a exportação desse subsetor representou 97,87% do total, em 94/95, este percentual cresceu para 99,29% do total exportado por este estado, mantendo-se em torno deste percentual os outros períodos com 97,64%, 96,55% e 97,57%, respectivamente, em 95/96, 96/97 e 97/98. Apesar desta participação aumentar ano a ano, os resultados da componente regional foram todos negativos, excetuando-se o período de 96/97, devido ao fato do valor das exportações terem diminuído de US\$ FOB 30.760.979 em 1993, para US\$ FOB 26.095.978 em 1994, permanecendo praticamente o mesmo valor, US\$ FOB 26.372.556, em 1995, chegando a US\$ FOB 17.134.176 em 1996. No ano seguinte, 1997, as exportações cresceram para US\$ FOB 29.546.741, porém o estado não conseguiu manter este mesmo patamar e em 1998 foram exportados US\$ FOB 25.672.311.

**TABELA 14- PERNAMBUCO: PARTICIPAÇÃO RELATIVA
MÉDIA DAS EXPORTAÇÕES DO ESTADO**

	(%)				
SUBSETORES	93/94	94/95	95/96	96/97	97/98
Produtos Básicos	0,18	0,11	0,05	0,00	0,00

Produtos Semi	1,95	0,59	2,32	3,45	2,43
manufaturados	97,87	99,29	97,64	96,55	97,57
Produtos Manufaturados					
TOTAL	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00

FONTE: Anexo 1

Obs.: Os valores correspondem a média aritmética de cada intervalo dos participações relativas de cada ano.

A tabela 15, a seguir, mostra-nos a participação relativa média de Pernambuco em relação a amplitude espacial, onde podemos observar que, este estado, no que se refere ao subsetor básico participava com 61,26% do valor total exportado no período 93/94, contudo nos períodos seguintes houve uma brusca queda desta participação, em 94/95 era apenas 14,98% e em 1998, 0,64%; nos períodos 96/97 e 97/98 não foram registrados produtos classificados como básicos em sua pauta de exportação. Pode ser observado também baixas participações nas exportações em todos períodos analisados no subsetor de semi manufaturados. No período 93/94, sua participação era de 2,80%, caindo para apenas 0,48% em 94/95, no período seguinte 95/96, sua performance melhorou um pouco chegando a 1,24%, esta tendência se manteve no período de 96/97, onde a sua participação foi de 1,71%, contudo, em 97/98, esta participação tornou a cair, ficando em 0,96%. No subsetor de produtos manufaturados, é visível a perda de participação, passando de 23,75% em 93/94, para 20,79% em 94/95 e para 17,31% em 95/96. Esta tendência de queda foi quebrada no período seguinte de 96/97, onde a sua participação cresceu para 21,85%, chegando em 97/98, a 27,44%.

TABELA 15- PERNAMBUCO: PARTICIPAÇÃO RELATIVA MÉDIA DAS EXPORTAÇÕES EM RELAÇÃO A AMPLITUDE ESPACIAL

	(%)				
SUBSETORES	93/94	94/95	95/96	96/97	97/98
Produtos Básicos	61,26	14,98	0,64	0,00	0,00
Produtos Semi	2,80	0,48	1,24	1,71	0,96
manufaturados	23,75	20,79	17,31	21,85	27,44
Produtos Manufaturados					

FONTE: Anexo 1.

Os valores correspondem a média aritmética de cada intervalo das participações relativas de cada ano em relação a amplitude espacial (Ceará, Pernambuco e Bahia)

4.3 BAHIA

Com relação ao estado da Bahia, o impacto das componentes do modelo, nas exportações registra que no período 93/94, os produtos básicos, obtiveram resultados positivos em todas componentes; no período seguinte 94/95 a componente de impacto total foi positiva apesar da componente regional apresentar sinal negativo; em 95/96 a variável impacto total obteve resultado negativo devido ao não dinamismo das componentes global e estrutural; em 96/97 a componente estrutural influenciou negativamente a variável impacto total, apesar do resultado dinâmico da componente global; em 97/98 tanto a componente global como estrutural apresentaram resultados negativos, implicando assim, em um impacto total negativo. Ressalta-se a ausência da componente regional nos períodos 96/97 e 97/98 na análise devido a falta de dados.

Quanto aos produtos semi manufaturados, temos que em 93/94, registrou-se sinal positivo na componente variação total apesar do impacto negativo da componente regional; em 94/95 a componente global influenciou positivamente o resultado da variação total que permaneceu positiva apesar dos sinais negativos das componentes estruturais e regionais; em 95/96, apesar da componente estrutural obter resultado positivo a variação total foi negativa devido a influencia das demais componentes; em 96/97, a variação total foi negativa apesar dos resultados positivos das componentes global e regional; em 97/98, a componente estrutural impactou positivamente no resultado da variação total que apresentou resultado positivo.

No primeiro e segundo períodos os produtos manufaturados apresentaram sinal positivo na variável impacto total, devido a influência positiva das componentes global e regional; no terceiro período apesar da componente regional continuar dinâmica, o impacto total foi negativo devido ao não dinamismo das componentes global e estrutural; no quarto período todas componentes apresentaram resultados dinâmicos; no último período as componente global e estrutural apresentaram-se negativas, o que influenciou negativamente a componente variação total.

**TABELA 16- BAHIA: IMPACTOS DAS COMPONENTES DO MODELO
SHIFT-SHARE NAS VARIAÇÃO DA INDÚSTRIA TÊXTIL.**

SUBSETORES TÊXTEIS	COMPONENTES															IMPACTO TOTAL				
	GLOBAL					ESTRUTURAL					REGIONAL									
	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
Produtos Básicos	+	+	-	+	-	+	+	-	-	-	+	-	+	#	#	+	+	-	-	-
Produtos Semi manufaturados	+	+	-	+	-	+	-	+	-	+	-	-	-	+	-	+	+	-	-	+
Produtos Manufaturados	+	+	-	+	-	-	-	-	+	-	+	+	+	+	+	+	+	-	+	-

FONTE: Anexos 3, 4, 5, 6.

Obs.: Intervalos: 1=1993/1994; 2=1994/1995; 3=1995/1996; 4=1996/1997; 5= 1997/1998.

As exportações de produtos básicos do estado da Bahia, não ultrapassaram 1% do total, da cadeia produtiva da indústria têxtil, em 93/94, a sua participação era de apenas 0,08%, este percentual subiu nos períodos seguintes para 0,52% e 0,94%, respectivamente, em 94/95 e 95/96; nos dois últimos períodos sua participação decresce para 0,63% em 96/97 e 0,13% em 97/98.

As exportações de semi manufaturados decresceram de 31,70% em 93/94 para 28,45% em 95/96 e continuou caindo chegando a 20,37 em 97/98. A compatibilização desta tendência pode ser visualizada também através da tabela 16, onde verifica-se que a componente regional obteve resultados negativos durante os três primeiros e no último período.

A participação relativa das exportações de produtos manufaturados do estado obteve um bom desempenho no período analisado, passando de 68,22% em 93/94, para 70,61% em 95/96 chegando a 79,50% em 97/98, como pode ser observado na tabela 17. Os resultados da componente regional, na tabela 16, demonstram claramente o crescimento deste subsetor da indústria têxtil baiana. Neste subsetor, verifica-se a perfeita compatibilidade da tendência relativa com os indicativos da componente regional do modelo.

**TABELA 17- BAHIA: PARTICIPAÇÃO RELATIVA MÉDIA
DAS EXPORTAÇÕES DO ESTADO**

	(%)				
SUBSETORES	93/94	94/95	95/96	96/97	97/98
Produtos Básicos	0,08	0,52	0,94	0,63	0,13
Produtos Semi manufaturados	31,70	31,75	28,45	23,73	20,37
Produtos Manufaturados	68,22	67,73	70,61	75,64	79,50
TOTAL	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00

FONTE: Anexo 1

Obs.: Os valores correspondem a média aritmética de cada intervalo dos participações relativas de cada ano.

Como pode ser observado na tabela 18, a participação da Bahia nas exportações de produtos básicos em relação a amplitude espacial cresceu de 38,74% em 93/94 para 64,54% em 95/96, porém apesar desse crescimento, os valores absolutos exportados obtiveram continua queda; em 1997, apenas a Bahia exportou produtos básicos. Isto pode ser comprovado na análise das tabelas 11 e 12 referente ao Ceará e 14 e 15 com dados de Pernambuco, onde nota-se a inexistência de exportação de produtos básicos.

Os produtos semi manufaturados tiveram queda de participação passando de 62,02% em 93/94, para 49,61% em 95/96, essa perda de dinamismo foi detectada em 94/95 pela componente estrutural e em 95/96, pela componente global. Contudo nos períodos seguintes houve recuperação, em 96/97, o subsetor participou com 56,91% dos exportados em relação a amplitude espacial; em 97/98, este resultado é ainda melhor passando a

66,99% do total. No que se refere aos produtos manufaturados também foi observado crescimento de participação, em 93/94 a Bahia exportava 27,38% do total de produtos manufaturados, em 95/96, passou para 33,72% e em 97/98, já participava com 39,69% das exportação.

TABELA 18- BAHIA: PARTICIPAÇÃO RELATIVA MÉDIA DAS EXPORTAÇÕES EM RELAÇÃO A AMPLITUDE ESPACIAL

SUBSETORES	93/94	94/95	95/96	96/97	97/98
Produtos Básicos	38,74	50,21	64,54	100,00	0,00
Produtos Semi manufaturados	62,02	55,51	49,61	56,91	66,99
Produtos Manufaturados	27,38	31,70	33,72	36,04	39,69

FONTE: Anexo 1

Os valores correspondem a média aritmética de cada intervalo das participações relativas de cada ano em relação a amplitude espacial (Ceará, Pernambuco e Bahia)

4.4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base na análise dos resultados do modelo *Shift and Share*, verificou-se alguns indicativos das exportações, por subsectores da indústria têxtil, segundo os estados do Ceará, Pernambuco e Bahia. Ressalta-se que este modelo detecta a origem do dinamismo, ou não dinamismo das exportações através de seu impacto total, o qual é resultado das componentes global, estrutural e regional. Desta forma, constatou-se onde se encontra os estímulos ou desestímulos do desempenho das exportações que se refere a aspectos de conjuntura e/ou de estrutura e/ou regionais, sendo que os dois primeiros aspectos refere-se à amplitude espacial.

A efetiva justificativa dos resultados das componentes transcende a capacidade do modelo, sendo necessário a sua aplicação integrada ou complementada de uma técnica de análise. No entanto, procurou-se fazer uma análise de simples indicadores de participações

relativas, a nível de cada estado; em alguns casos detectou-se a compatibilidade entre os resultados das componentes regionais do modelo e a evolução temporal das percentagens. Da mesma forma procedeu-se em relação a amplitude espacial, verificando-se compatibilidade com as componentes global e estrutural em alguns casos.

5 CONCLUSÃO

As empresas, de um modo geral, que procuram ampliar suas participações no comércio externo, são as que apresentam maior índice de competitividade entre todas que estão instaladas no país. Segundo pesquisa encomendada pelo Ministério da Ciência e Tecnologia, o complexo têxtil se enquadra no grupo de indústria com deficiências competitivas, apesar dos empresários desse setor empreenderem contínuos esforços para superarem essa situação (Noronha, 1994, p.11).

As vantagens desse grupo é ter um grande mercado interno, contudo enfrenta problemas como: a instabilidade econômica, reduzido poder de compra dos consumidores e altos juros. Porém, nem todo segmento apresenta as mesmas características, convivendo no mesmo mercado, empresas altamente competitivas e atualizadas tecnologicamente, com outras totalmente ultrapassadas. Outro problema a ser resolvido nesse setor é a existência da “economia informal”, que compete com as empresas legalmente constituídas, sem arcar com os custos tributários, exercendo assim uma concorrência desleal.

Para melhorar sua performance quanto à exportação, as empresas desse setor investem na qualidade como único caminho para aumentar sua competitividade. Desde 1992 foi posto em ação o projeto “O aumento da Competitividade das Indústrias Têxteis e de Confecção Brasileira Através do Controle de Qualidade Total”, seguindo a série de normas ISO 9000, com o objetivo de implantar o sistema de controle de Qualidade Total (Têxteis, 1993, p.29).

A falta de treinamento da mão-de-obra, é um fator muito importante na conquista da qualidade, pois quanto mais tarefas tiverem que serem refeitas pelos empregados, maiores serão os custos. Muitas empresas já despertaram para esse problema, e oferecem cursos de

aprimoramento para seus funcionários. Contudo, na maioria das vezes, apenas as chefias tem acesso aos treinamentos, o que representa sem duvida um erro.

Além da defasagem tecnológica, outros fatores que também contribuem para diminuir a competitividade dos produtos têxteis nacionais são a estrutura tributária vigente no país e os custos portuários considerados um dos mais altos do mundo.

O Nordeste passou a representar uma boa alternativa para implantação da indústria têxtil, estimulada pelas políticas governamentais e pela SUDENE através de incentivos fiscais para empresas instaladas em seis dos dez estados que integram sua área de atuação. O objetivo primordial desses projetos é a criação de emprego, assim como dar mais autonomia a região.

Para se ter uma idéia da importância dessa indústria para economia nordestina, no estado do Ceará, o percentual de postos de trabalho no segmento têxtil chegou, em 1994, a 25%, e nos demais estados verificou-se: Sergipe 27%, Pernambuco 12,8%, Paraíba 20% e Rio Grande de Norte 12%. (Mariano, 1994, p.6).

Em 1997 a indústria têxtil comemorou a criação de cotas para importação de produtos têxteis vindos principalmente da Ásia. Essa era uma reivindicação antiga dos produtores nacionais, que exigiam medidas do governo federal contra o que eles consideravam ser concorrência desleal. A alegação para uma intervenção governamental era o grande número de falências e desempregados do setor.

Para se ter uma idéia do problema, segundo Chafic Andari, presidente do Sindicato da Indústria do Vestuário de Salvador e Lauro de Freitas (Sindinvest), estima-se que só na Bahia houve uma queda de 40% tanto na produção quanto no número de empresas do setor. Se tratando da indústria têxtil, os números oficiais podem não representar a verdade, pois estima-se que das 600 empresas apenas metade sejam legalizada (Cotas, 1997).

Dos três estados citados no trabalho, o que demonstrou pior desempenho foi Pernambuco, isso deveu-se principalmente a fragilidade da base tecnológica, problemas ligados a

produção do algodão, bem como o fato de que Pernambuco, no período 1969 a 1987, ter sido excluído da área considerada de prioridade pela SUDENE. Como já foi dito anteriormente, a modernização das indústrias situadas no Nordeste dependeu quase que exclusivamente de ajuda governamental e a falta desse apoio fez com que as indústrias situadas neste estado migrassem, principalmente, para o Ceará (Lima, 1994, p.67).

Outro fato também concorreu para que Pernambuco perdesse importância no panorama têxtil nordestino. Pode-se notar que, em determinados períodos não existiu exportações de produtos classificados como básicos na sua pauta de exportação, tais como, algodão não cardado, fiapos de algodão, lã penteada. Isso deve-se a gradativa queda de produção de algodão no Nordeste, dada a praga do bicudo. Este fato fez com que as indústrias de fiação situadas nesta região passassem a comprar a matéria prima fora, inclusive no exterior.

Quanto à indústria de fiação de Fortaleza, esta apresentou-se competitiva em nível internacional devido ao esforço no sentido de atualizar tecnologicamente o setor. Os empresários desse segmento vêm procurando estimular a expansão da cadeia produtiva têxtil através da implantação de malharias, de média e pequeno porte, que se beneficiariam com a fonte de matéria prima vinda das fiações. Já os segmentos de tecelagem e confecção encontram-se no mesmo nível competitivo do Centro Sul do País. De acordo com o sindicato da Indústria de Confecção do Ceará “o pólo cearense reunia cerca de 3.000 empresas, gerava 60.000 empregos diretos e era responsável por 12% do ICMS do Ceará”(Lima, 1994, p.67).

A Bahia é o estado que apresenta a pauta de exportação mais diversificada dos três analisados, sendo o responsável pelo fornecimento, através do Pólo Petroquímico de Camaçari, das fibras sintéticas utilizadas pela indústria cearense. Após a abertura de mercado o segmento da indústria baiana mais prejudicado foi o de confecção, onde em 1991 haviam apenas 750 mil profissionais registrados, contra 1,4 milhão existentes em 85.(Mello, 1997).

Os três estados analisados tiveram melhor desempenho de suas exportações no subsetor de manufaturados, a participação relativa média por estado foi de 84,77% do Ceará, 97,69%

de Pernambuco, e 72,78% da Bahia, durante o período de 1993 a 1998. Contudo suas pautas, no que se refere a este subsetor diferem bastante entre si. Enquanto o Ceará possui um dos maiores pólos têxteis do país, sua pauta de exportação é composta basicamente de produtos de confecção, além disto vem se firmando como fornecedor de matéria prima para tecelagens. Pernambuco exporta basicamente confecções, principalmente após os problemas enfrentados pelos produtores de algodão e o deslocamento de algumas empresas para estados que recebem maior apoio governamental. A pauta da Bahia é a mais diversificada, das três analisadas, contudo os maiores valores exportados são de fibras sintéticas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDRADE, Thompson A., Aplicação do método estrutural-diferencial: comentário. **Revista Brasileira de Economia**, Rio de Janeiro, v. 34, n.3, p.439-444, jul./set. 1980.
- ANUÁRIO RAIS. 1988: Região Nordeste. Brasília: coordenação Geral de Estatística do Trabalho e Identificação Profissional, 1991.
- ANUÁRIO RAIS.1990: Região Nordeste. Brasília: coordenação Geral de Estatística do Trabalho e Identificação Profissional, 1994.
- ANUÁRIO RAIS. 1992: Região Nordeste. Brasília: coordenação Geral de Estatística do Trabalho e Identificação Profissional, 1996.
- BANCO do Nordeste do Brasil S/A/ SEPLAN/ SUDENE. Oportunidades de Investimentos no Nordeste. A indústria têxtil do Nordeste. Fortaleza, 1976 p.41-58.
- BARFF, Richard , KNIGHT III, Prentice L, *Dynamic Shift-Share Analysis*, **Growth and Change**, USA, v.19, n.2., 1988, p.1-10.
- CARVALHO, Lívio W. R. de. Uma aplicação do método estrutural-diferencial para análise do desenvolvimento do Centro-Oeste , **Revista Brasileira de Economia**, Rio de Janeiro v.33, n.3, p.413-440. jul/set, 1997.
- CEARÁ: Plantou e Cresceu. **Revista Têxtil**, São Paulo, n.3, p.18-20 e 22, 1997.
- A CONCORRÊNCIA do importado. **Gazeta Mercantil**, Balanço Anual, São Paulo, v.14, n.14, out. 1990, p.328.
- CONJUNTURA. **Textília**, São Paulo, n.22, p.10-14 out./nov./dez., , 1996.

COTAS reduzirão em 50% compra de tecidos da China, Medida vai ser oficializada hoje, **Correio da Bahia**, Salvador, 12 jun, 1997.

DUNN Jr, Edgar S. *Technique for Regional Analysis. Papers and Proceedings of the Regional Science Associations.* v.6, p.97-112, 1990.

EXPORTAÇÃO exige qualidade. **Gazeta Mercantil**, Balanço Anual, São Paulo, v.15, n.15, p.166, out. 1991.

FOTHERGILL, Stephen, GUDGIN, Graham. *Defence of Shift-Shere. Urban Studies*, v. 16, n.3, p. 309-319, fev. 1979.

FUNDAÇÃO CPE, Indústria têxtil: Inserção regional a partir de uma análise microdinâmica. **Carta da CPE**, Salvador, n.10, Salvador, jan. 1992.

FURTADO, Marcelo Rijo. Têxtil; indústria reage aos tigres. **Química e Derivados**, São Paulo, v.30, n.326, p.8-13, abr. 1995.

GONÇALVES, José Sidnei. A crise estrutural e a conjuntura no complexo têxtil brasileiro. **Informações Econômicas**, São Paulo, v.23, n.2, fev. 1993.

HUYNES, Kingsley E. , MACHUNDA, Zachary B. *Considerations in Extending Shift-Shere Analysis: Note. Growth and Change*, USA, v.18, n.2, p. 69-78, 1987.

HURST, Marlene Araújo, SARNO, Vitor Luiz Curvelo. Cotonicultura Baiana e Indústria Têxtil. **Carta da CPE**, Salvador, p. 11-49, 1994.

A INDÚSTRIA Têxtil no Nordeste. Pesquisa sobre a Indústria Têxtil. Recife, MI, 1971, p.22-32.

LIMA, Policarpo. Economia do Nordeste: Tendências recentes das áreas dinâmicas. **Análise Econômica**, Porto Alegre, v.12, n. 21/22, p. 55-70, mar./set. 1994.

LUIZ, Arquimedes. Indústria e Produtividade. **Revista CNI**, v.28, n.292, p.13-15 dez. 1995.

- MAGALHÃES, Neide. Setor têxtil cria frente para recuperar mercado. **Revista Semanal**, n.126, p.29, out. 1995.
- MARIANO, Márcia. Nordeste atrai novas malharias. **Textília**, São Paulo, v.4, n.13, p.6-8, jun./ago. 1994.
- MEDEIROS, Luiz Américo. Qual o futuro da indústria têxtil brasileira?. **Revista Têxtil**, São Paulo, p.4, abr./maio, 1996.
- MELLO, Clarissa. Confecções baianas comemoram cotas. **Correio da Bahia**, Salvador, 17 jun. 1997.
- MODERNIZAÇÃO é adiada. **Gazeta Mercantil**: Balanço Anual. São Paulo, v.16, n.16, p.188, nov.1992.
- NORONHA, Silvia. E a indústria têxtil, para onde vai. **Revista CNI**, v.26, n.281, p.9-13, fev. 1994.
- NOTÍCIAS. Balança comercial desfavorável. **Revista Têxtil**, São Paulo, n.4, p.60,1995.
- OLIVEIRA, Maria Helena de. MEDEIROS, Luiz Alberto R. de. Investimentos necessários para a modernização do setor têxtil. **BNDES Setorial**, Rio de Janeiro. n.3, p.73-93, mar. 1996.
- POSSAS, Mário Luiz. Estrutura de Mercado em Oligopólio. 2 Ed. Editora Hucitec. São Paulo: HUCITEC, 1990, p.170-182.
- PREFERÊNCIA pelos tigres. **Gazeta Mercantil**, Balanço Anual, v.19, n.19, p.222. out.1995.
- ROSA, Antônio Lisboa da & MELO, Maria Cristina de. A Indústria Têxtil Cearense. Um estudo sobre competitividade .Fortaleza, **FIEC**,1994, p.15-29.

SAKASHITA, Noboru, KAMOIKE, Osomu. *National Growth and Regional Inequality: a consistent model*. *International Economic Review*, v.14, n.2, June, p.372-381, 1973.

SCHERER, André Luiz Forti, CAMPOS Silva Horst. As mudanças no comércio internacional e as exportações brasileiras de têxteis e vestuários. **Ensaio FEE**, Porto Alegre, v.14, n.1, p. 229-254, 1993.

SEMINÁRIO: “Tecnologia e Política Industrial: A visão de São Paulo”. PATI – Programa de Atualização Tecnológica Industrial. Têxtil: fiação, tecelagem e confecção. São Paulo, dez. 1988. 138p.(xerox)

TÊXTEIS. **Revista CNI**, v.25, n.276, p.29-30, mar./ abril, 1993.

WANDERLEY, Lívio A. **Integração Inter-Regional da Indústria e Emprego no Nordeste**, São Paulo, 1994. Tese (Doutorado em Administração de Empresas), Escola de Administração de Empresas de São Paulo da Fundação Getúlio Vargas.

ANEXOS